

SIMPÓSIO AT005

ATIVIDADES SIGNIFICATIVAS EM LÍNGUA PORTUGUESA: LEITURA, ESCRITA E PRODUÇÃO A PARTIR DO CONTO “O ELO”

GUEDES, Estela Dalva Barbosa
E. M. Manuel Bandeira
barbosaguedes@yahoo.com.br

Resumo: Trabalhar com a leitura e a escrita em sala de aula nos dias atuais configura-se num desafio para o docente de Língua Portuguesa, devido ao pouco interesse demonstrado pelos discentes. Considerando esse contexto e esses discentes que estão conectados com o mundo digital, o professor precisa conciliar a tecnologia com as leituras e escritas necessárias ao ensino-aprendizagem. Desse modo, o conto “O elo” de Leda de Oliveira, motivou uma turma de 8º ano a se envolver para criar um final diferente para esse conto e depois o reproduzisse em vídeo. O respaldo teórico advém, principalmente, dos seguintes autores Dolz e Schneuwly (1996), Rojo (2009) e Vieira (2007). Como resultado parcial, pode-se apontar que a melhor opção para o envolvimento em atividades de leitura e de escrita parte da vivência dos alunos relacionada às tecnologias, sinalizando que esta veio como mediadora de conhecimento, auxiliando de forma dinâmica no avanço desses alunos como construtores da significação.

Palavras-chave: Leitura; Escrita; Multiletramentos.

Abstract: Working with reading and writing in the classroom nowadays sets to be a challenge to Portuguese teachers due to the lack of interest from students. Regarding this context and the students who are connected in the digital world, teachers need to conciliate technology with necessary reading and writing to the teaching-learning process. Therefore the story "O elo" by Leda de Oliveira motivated and engaged a 8th-grade class to create a different ending to this story and to reproduce it in video afterwards. The theoretical support mainly arises from the following authors: Dolz and Schneuwly (1996), Rojo (2009) and Vieira (2007). As partial results, it is possible to point out that the best option to reading and writing activities engagement comes from the students' experience related to technology, indicating that it is a mediator of knowledge, assisting in a dynamic way in the progress of these students as meaning constructors.

Key words: Reading; Writing; Multiliteracies.

Introdução

Este artigo apresenta um relato de experiência (prática) feita com os alunos do 8º ano da E. M. Manuel Bandeira em Juiz de Fora-MG. Para a

realização da experiência foi proposto à turma que lesse o conto “O elo” de Leda de Oliveira com o objetivo de se criar um final diferente e em seguida, transformá-lo em um vídeo.

Essa atividade se deve a percepção de que há uma relutância por parte dos discentes em ler e produzir textos, porém, esses mesmos adolescentes estão frequentemente conectados com o mundo digital e, nesse sentido, pretendeu-se provar que os alunos são capazes de compartilhar seus conhecimentos para criar, não só por escrito, mas também para exibição em vídeo, um desfecho para um conto.

Como aporte teórico foram utilizados conceitos relacionados ao narrar como a capacidade de linguagem dominante (DOLZ e SCHNEUWLY, 1996) e os estudos sobre os multiletramentos multissemióticos para a compreensão do texto (ROJO, 2009 e VIEIRA, 2007).

O resultado dessa experiência mostra que os professores devem ir além do proposto nos livros didáticos, tornando seus alunos produtores e não apenas consumidores de conhecimentos. É necessária uma pedagogia dos multiletramentos, valorizando tanto a linguagem verbal quanto a nãoverbal, tornando o aprendiz o centro desse processo de transformação e produção de conhecimento.

1. Pressupostos teóricos

1.1 A evolução do termo letramento

Pode-se dizer que as práticas sociais de letramento, usadas em diferentes contextos, constituem o desenvolvimento da leitura e da escrita em níveis diferentes, inclusive da escolar.

As abordagens mais recentes apontam para a heterogeneidade das práticas sociais de leitura, escrita e uso da língua/linguagem em geral em sociedades letradas e têm insistido no caráter sociocultural e situado das práticas de letramento. Devido a essa heterogeneidade de práticas sociais, o termo letramento foi acrescido de sua pluralidade “letramentos” para dar conta

das demandas sociais não só quanto ao uso da leitura e da escrita, mas também da oralidade. Conforme afirma Vieira (2007, p.12):

A parte verbal representa parte específica, não o componente principal. Isso equivale a dizer que o mundo da escrita, paulatinamente, está perdendo espaço para outras formas semióticas de comunicação.

Vieira afirma que no começo o cinema e a TV modificaram a linguagem. Atualmente, a Internet fez com que essas mudanças se intensificassem, devido às comunicações muito mais rápidas, juntamente com a linguagem publicitária. O tempo tornou-se precioso. Portanto, a linguagem deve ser mais objetiva, direta e principalmente visual. Ainda, nas palavras da própria autora:

Ocorre, então, a composição de um novo discurso no qual a imagem se funde com o verbal e constrói novos sentidos discursivos, denominados no presente artigo de práticas textuais multimodais ou multissemióticas. (VIEIRA, 2007, p.15)

A linguagem da imagem consegue transmitir o significado com mais facilidade e rapidez. Muitas vezes a linguagem escrita não consegue descrever com precisão certos fatos se comparada à imagem. Porém, não se deve estabelecer uma contenda entre essas linguagens. É preciso que se saiba interpretar os discursos verbal e não verbal, para se encontrar o sentido dessas formas de comunicação.

Devido a todas essas mudanças, o letramento sofreu alterações. Pode-se falar nos dias atuais em multiletramentos, tais como o letramento visual, tecnológico, computacional, entre outros. Conforme afirma Vieira:

Pressionado pelas mudanças, o letramento hoje não se refere, apenas, às habilidades de leitura e de escrita. O letramento típico da pós-modernidade agrega ao texto escrito inúmeros recursos gráficos, cores e principalmente, imagens. Passa a exigir do sujeito letrado habilidades interpretativas básicas que devem atender às necessidades da vida diária, como as exigidas pelos locais de trabalho do mundo contemporâneo. (2007, p.24)

Assim, a escola não pode ficar à parte das exigências sociais quanto à leitura e à escrita e deve acompanhar os avanços tecnológicos da modernidade de modo a habilitar seus alunos para serem capazes de interpretar e produzirem textos para o ambiente virtual.

1.2. Multiletramento na escola

Com novas e diversas formas de produzir, configurar e circular os textos, devido ao acesso às tecnologias e às informações, as quais proporcionaram uma vasta e rápida circulação de informações nos meios de comunicação analógicos e digitais, fazem com que o meio impresso se torne por vezes obsoleto. Segundo Rojo (2013, pp. 20-21):

(...) já não basta mais a leitura do texto verbal escrito _ é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam. Inclusive, esses textos *multissemióticos* extrapolaram os limites dos ambientes digitais e invadiram hoje também os impressos (jornais, revistas, livros didáticos). (grifo da autora)

Já é consenso que ao se trabalhar com leitura e escrita na escola deve ser muito mais que apenas alfabetizar. Trata-se de trabalhar com vários letramentos, requerendo leituras múltiplas (da vida e da escola). Trata-se de trabalhar com linguagens múltiplas, com diferentes contextos de mídias, garantindo o uso variado da linguagem (verbal, plástica, musical, entre outras) e também das línguas (falar, ouvir, escrever em variedades de línguas).

É importante lembrar que, atualmente, o impresso e o papel não são mais a principal fonte de informação e formação. Cabe ao professor organizar e priorizar o que e como desenvolver as práticas de escrita e de leitura, a partir das mídias analógicas e digitais.

As abordagens mais recentes apontam para a heterogeneidade das práticas sociais de leitura, de escrita e do uso da língua/linguagem em geral em sociedades letradas e têm insistido no caráter sociocultural e situado das práticas de letramento. Por isso, segundo Rojo (2009, p. 107):

Um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, **de maneira ética, crítica e democrática.** (grifos da autora)

Para que isso ocorra, é preciso que a educação linguística leve em conta os letramentos múltiplos ou multiletramentos que conciliam o letramento das culturas locais com os letramentos valorizados, universais e institucionais. Ainda os letramentos multissemióticos que ampliam a noção de letramento para o campo da imagem, da música, das outras semioses e não somente a escrita. E também os letramentos críticos e protagonistas requeridos para o trato ético dos discursos em uma sociedade saturada de textos e que não pode lidar com eles de maneira instantânea, amorfa e alienada.

Existe uma necessidade de se ampliar o diálogo entre as novas linguagens tecnológicas e os processos de ensino-aprendizagem, o que levou à busca por espaços educacionais a circulação de conhecimentos para alunos e professores com a finalidade de que as práticas em sala fossem mais eficientes.

Desse modo, é importante que se criem situações de aprendizagens com o intuito de instigar a sensibilidade dos aprendizes para o mundo global digital, já que há uma diferença entre aprendizados cotidiano e escolar¹. Por isso, Rojo (2012, p. 76) afirma que:

Tais modalidades passaram a exigir do leitor – no caso escolar, do aluno e do (a) professor(a) – a aquisição e o desenvolvimento de outras habilidades de leitura e escrita, dependendo das modalidades utilizadas, ampliando a noção de letramentos para múltiplos letramentos. A ampliação desse conceito vem dar conta da diversidade de semioses que co-ocorrem nos textos encontrados hoje nas mídias: visual (uso das imagens), sonoro (uso de sons), verbal (uso das línguas), para citar os mais recorrentes.

¹O aprendizado cotidiano está ligado a movimentos casuais, indiretos, inconscientes, estando em toda a parte, enquanto o escolar se desenvolve na escola, sendo consciente, estruturado, sistematizado, embasado em currículos e pedagogias.

A forma de se ler tem se modificado na atualidade e com rapidez devido ao uso cada vez mais frequente dos computadores que se tornaram uma ferramenta de leitura, de escrita e de pesquisa. O que possibilita aos alunos a “desenvolver habilidades de compreensão, produção e edição de textos de forma mais situada e a partir de novas tecnologias” (ROJO,2012,p. 82), ou seja, o que vem se valorizando é a capacidade de o sujeito se mover com agilidade entre diferentes letramentos (fala, escrita, comunicação visual e sonora), acrescentando-se a essa lista os recursos tecnológicos e computacionais.

A noção de leitor também vem se modificando: antes ele se relacionava de forma solitária com a leitura impressa: hoje lida com a globalização, circulação rápida das informações. Na sociedade há um número imenso de imagens impressas ou projetadas. Isso obriga ao leitor não só que se prepare, pois ele terá que se familiarizar com a multimodalidade textual que se constitui por imagens, mas também que se capacite, a fim de ter uma visão crítica para lidar com essa nova realidade dos textos.

Sendo assim, os estudos desenvolvidos por ROJO (2012, p. 83) sinalizam que:

O mundo contemporâneo impõe aos sujeitos uma variedade infindável de exigências que multiplicam enormemente a gama de práticas, gêneros e textos que nele circulam e que, de uma forma ou de outra, devem ser abordados na esfera escolar.

Esses estudos confirmam a necessidade de a escola acompanhar os avanços tecnológicos da modernidade, pois deve considerar seu aluno como um sujeito crítico e reflexivo, capaz de conciliar conhecimento e entretenimento, uma vez que está

imerso num universo cosmopolita e multimídia, pois, muitas vezes, é nas telas extracurriculares (em casa ou nas *lan houses*) que os alunos vão entrar em contato com as multissemiões e aprender a combinar conhecimento e entretenimento.” (ROJO, 2012, p. 85)

2. Metodologia para o relato de experiência

Aos alunos do 8º ano foi apresentado o conto “O elo” da autora Ieda de Oliveira. Os discentes receberam o texto e o leram, no entanto não tiveram acesso a todo o conteúdo da história. Isso foi feito de forma proposital, já que foi proposto à turma um trabalho no qual eles se dividissem em 4 grupos com 4 integrantes para dar continuidade ao texto, procurando manter sua coerência.

O trabalho ficou dividido em três partes: a primeira era igual para todos, pois tiveram acesso ao início e meio do texto. Na segunda parte, cada grupo criou a sua própria história, dando-lhe um final. A terceira parte foi a transformação do texto pronto em um vídeo, no qual puderam ter a liberdade de criação para contar sua história, utilizando-se de fotos, desenhos, sonoplastia, atuando, etc.

O tempo para a execução do trabalho foi de aproximadamente dois meses. Foi pedido aos discentes que não se comunicassem entre os grupos para que na hora da apresentação dos vídeos houvesse a surpresa de descobrir o que cada grupo havia preparado.

O trabalho objetivou conhecer autores diferentes *via* internet, isto é, autores diferentes dos que eles têm contato por meio do livro didático. Além de instigar a vontade de ler e de produzir um texto, conciliando leitura/escrita/tecnologia. Também de transformar o texto escrito por eles em uma nova linguagem (visual) e possibilitar o trabalho em grupo na elaboração de um texto e de um vídeo.

Os alunos passaram a exercer um papel mais ativo quando deixaram de ser leitores para assumirem o papel de produtores de seus textos. Com essa experiência voltada ao multiletramento, valorizou-se tanto a linguagem verbal, quanto a nãoverbal, além de dar oportunidade para que os discentes fossem o centro do processo.

Talvez por se tratar de uma narrativa que gerasse suspense (o que costuma agradar aos adolescentes) e a história ser cortada exatamente no momento em que a ação começava a se desenrolar, tenha estimulado a participação e a imaginação dos alunos, incitando o interesse em escrever uma história que em parte era autoral, indo além com a produção do vídeo.

Empenhados com a atividade, foram bastante criativos e cada grupo apresentou uma narrativa diferente do outro, optando por fazer seu vídeo, utilizando-se de recursos diversos.

Considerações parciais

Atualmente as pessoas convivem com variadas atividades (no trabalho, na escola, na família, entre outras); tanto produzindo-as quanto consumindo-as em diferentes gêneros textuais/discursivos. Essas atividades são miscíveis e dinâmicas, organizando-se de tal forma a nos colocar ora como produtores, ora como receptores.

A relevância dessa experiência prática, proposta aos alunos, deve-se, principalmente, por não ser habitual no ambiente escolar: criar um texto a partir de um original do qual não tiveram acesso a todo o seu conteúdo, tendo a tarefa de criar uma nova história dentro de uma história. Para alguns, essa experiência foi inédita, pois a maioria dos alunos está familiarizada a assistir a vídeos, porém não a produzi-los. Ou seja, essa prática instigou os alunos a serem autores (ao dar continuidade ao conto) e produtores (ao criar um vídeo a partir do final do texto escrito por eles), conciliando diferentes linguagens: verbal e nãoverbal.

Referências

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R. e MOURA, E. (Orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, R.. **Escola conectada os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

VIEIRA, Josenia Antunes. Novas perspectivas para o texto: uma visão multissemiótica. *In*:VIEIRA, JOSENIA ANTUNES [et al.]. **Reflexões sobre a Língua Portuguesa: uma abordagem multimodal**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.p. 09-33.